

Uma Nova Forma de Avaliação para o 1º Grau

Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Doutora em Educação, UFRJ; Professora Assistente de Psicologia da Educação, Fac. Educação/UFRJ

RESUMO

Este artigo procura explicar a avaliação possível na escola visando o melhor desenvolvimento dos alunos sem que nota ou conceito sejam dados pelos colegas ou professores.

Sistemas variados de avaliação têm sido testados e utilizados amplamente. Muitos destes enfatizam prioritariamente a aquisição de determinados conteúdos pela criança. Alguns se voltam para o desenvolvimento da criança, observando suas transformações pessoais mais do que simplesmente medindo a aprendizagem realizada ou conferindo notas a um desempenho segundo um padrão desejado. Refletindo sobre a avaliação encontramos experimentos diversos e, quando aqui pretendemos apresentar um deles, isto não significa uma imposição de um modelo, mas sim a oportunidade de uma análise crítica referente a uma prática pedagógica.

Trata-se do projeto criado na Universidade de Bielefeld em 1968, quando uma equipe chefiada pelo Prof. Hartmut von Hentig iniciou os estudos que vieram a culminar com a realização da Laborschule, inaugurada em 1974.

Dispomos hoje de um grande número de publicações a respeito de cada um dos aspectos da prática pedagógica, inclusive estudo de acompanhamento dos alunos egressos da Laborschule. No momento estamos interessados na avaliação e por isso fixamos nossa atenção neste aspecto.

No entanto, para que uma proposta de avaliação seja realmente entendida, é preciso que de algum modo se conheça a idéia geral que inspira a Escola onde esta acontece.

Em primeiro lugar, a Laborschule não está realizando experimentos com crianças.

A Escola é um espaço de experiência, onde a criança está em ação. Diferente de um experimento, na Laborschule está acontecendo a concretização de uma idéia e não uma seqüência de ensaios e erros, ou seja tentativas para serem observadas.

A Escola está estruturada da seguinte forma, em relação às séries anuais:

Nível I - Séries 0 até 2 - Pré-Escola

Nível II - Séries 3 e 4

Nível III - Séries 5 até 7

Nível IV - Séries 8 até 10

No nível I há 14 alunos em cada grupo, sob a responsabilidade de um professor com auxiliares para áreas específicas, tais como esporte e música. Há pedagogos e educadores sociais responsáveis pelas crianças no segundo turno. Para estas 3 séries há um prédio próprio. Grupos mistos por idade, sexo e condições sócio-econômicas.

No nível II os grupos são compostos por crianças da mesma idade, mantendo-se as outras diversidades. O número de alunos passa a 20 por grupo; 2 a 4 professores por turma. Início das aulas específicas, tais como língua estrangeira (Inglês).

No nível III acontecem os primeiros subgrupos devido às disciplinas eletivas e a os chamados clubes de interesses. Na quinta série, ou mesmo na sétima, início da segunda língua estrangeira (Francês ou Latim).

No nível IV: escolha de cursos específicos, conclusão das matérias obrigatórias, cursos eletivos, cursos práticos além da escola.

Somente na décima série o aluno recebe um boletim com notas segundo o sistema usual para lhe facilitar o ingresso em diferentes escolas do segundo grau, caso ele não prossiga na Laborschule.

O sistema de avaliação causa estranheza na medida em que nenhuma nota ou conceito é conferido ao aluno, exceto neste último ano escolar (décima série). A decisão por um sistema tão original surge da observação de que as chamadas notas objetivas não espelham a realidade do aluno, nem mesmo objetivamente se referem aos conteúdos de ensino. Nem os alunos, nem suas famílias ficam esclarecidas sobre o desenvolvimento ocorrido na criança.

No lugar de um tradicional relatório ou boletim, existe na Laborschule um sistema de avaliação (também chamado "informações sobre o processo de aprendizagem") que mostra a biografia escolar de um aluno, seu comportamento social, sua aprendizagem e seu trabalho junto a uma descrição das aulas. Este novo relatório leva a uma melhor participação do que uma lista de disciplinas relacionada a uma escala de notas. Estes relatórios são importantes para os professores que os escrevem, pois levam-nos a sempre pensar sobre cada aluno individualmente, além de que oferecem um excelente material de acompanhamento da vida escolar deste aluno.

Estes relatórios são importantes para os alunos e pais. Os pais não recebem listas de notas abstratas, sem conseqüências quanto à participação. Os relatórios devem levar a uma participação nas dificuldades e nos talentos, nas capacidades específicas e nos problemas pessoais tais como os professores e educadores observam, de modo que pais e seus filhos a partir destes possam ter um aconselhamento.

Desde os movimentos de reformas educacionais nos anos 60 que muitas pesquisas pedagógicas vêm se ocupando com a questão dos boletins ou relatórios escolares, ou seja, com as estratégias de avaliação. Sistemas variados de avaliação têm sido testados, quase sempre calcados numa preocupação quanto à aquisição de conteúdos pela criança. De maneira geral, o professor procura medir a aprendizagem realizada, observando o desempenho do aluno, comparando e conferindo notas segundo escalas rígidas. Tudo isto cada vez mais distante da realidade do aluno, onde a pessoa em formação não é considerada.

Atualmente algumas pesquisas mostram alternativas para esta situação. De um antigo documento de aprovação ou reprovação do aluno a um meio pedagógico de observação e promoção do desenvolvimento do aluno chega-se uma nova proposta.

A Laborschule da Universidade Bielefeld, que nesta década de 90 recebeu o título de Escola Modelo, outorgado pela UNESCO, faz pesquisas sobre vários aspectos escolares e, entre outros elementos da prática pedagógica, sobre a avaliação. Vem experimentando ao longo dos anos uma forma de avaliação que atenda à individualidade de cada aluno, respeitando suas características particulares e facilitando seu desenvolvimento.

Deve-se compreender a proposta desta escola de forma bem diferente, isto é, não pelo que se possa deduzir de seu nome, mas em sua essência. Em primeiro lugar, a Laborschule não está realizando experimentos com crianças ou jovens. Não se trata de uma escola experimental, (*Hentig, 1990, p. 7*) onde os alunos são cobaias, mas da vivência de um conjunto de hipóteses devidamente estudadas e organizadas num corpo teórico. Este rigor ético é o princípio fundamental que o Prof. Hartmut von Hentig e sua equipe imprimiram à concretização de seus estudos.

A Escola é um espaço de experiências onde o aluno está em ação. Diferente de um experimento, na Laborschule está acontecendo a concretização de idéias pedagógicas e não uma seqüência de ensaios e erros, ou seja, de tentativas para serem observadas.

A Escola em questão resulta de pesquisas realizadas por uma equipe de professores e especialistas em Educação, chefiada pelo filósofo Prof. Hartmut von Hentig, constituída em 1968 na Universidade de Bielefeld, Alemanha. Somente em 1974 (*Funke, 1980, p. 2*) foi posta em prática, e nas palavras de seu idealizador, no discurso de abertura, trata-se de "uma resposta prática à função modificada da Escola". Explicava ainda, na mesma oportunidade, o sentido desta escola, afirmando ser: "...antes de tudo uma Escola que pode errar, porque só se aprende realmente através dos erros." (*Hentig, 1990, p. 5*)

Com esta pequena e fundamental frase extraída do texto escrito pelo idealizador do projeto, queremos em primeiro lugar enfatizar a nossa preocupação quanto à falsa idéia de uma importação de modelos.

Não se trata de simplesmente copiar uma experiência, mas de conhecê-la e a partir do exemplo abrir um espaço para a discussão.

Poderíamos analisar diferentes aspectos desta experiência, tais como os motivos, princípios e significado, metodologia e práticas básicas. Dentre estes salientamos a avaliação.

Trata-se de uma avaliação direta do aluno, onde não há graus, conceitos, notas, rótulos ou qualquer tipo de classificação. O aluno é acompanhado continuamente, atendido em suas necessidades, sempre respeitado em sua individualidade.

No entanto, para que se entenda este novo sistema de avaliação, que normalmente causa estranheza, na medida em que nenhuma nota ou conceito é conferido ao aluno, é preciso que se investigue a fundamentação que dá suporte a tão original e ousado procedimento.

A decisão por um sistema tão diferente surge da observação de que as chamadas notas objetivas não espelham a realidade escolar do aluno, nem mesmo objetivamente se referem aos conteúdos de ensino. Nem os alunos, nem as suas famílias ficam esclarecidos sobre o desenvolvimento que deve estar acontecendo.

Não só como retórica, tal como se vê freqüentemente, mas como pontos de partida essenciais, são levadas em conta as diferenças dos alunos relativas a interesses, bagagem, cultura e talentos. Numa sociedade pluralista e democrática estes fatores não podem ser relegados a um segundo plano, são eles que na verdade permitem sua constituição e a fortificam.

Observa-se que é possível reunir diferentes alunos em uma escola, ensiná-los em conjunto, sem entediá-los uns ou superexigir de outros, não só quando os grupos são menores, mas principal quando a aula é conduzida de forma diferente.

Um dos pilares de sustentação da proposta de avaliação é esta concepção diferente da aula. Pois não se pode pensar numa avaliação desconectada daquilo que está sendo avaliado.

O que está sendo avaliado ?

O desenvolvimento do aluno que acontece a partir de uma determinada situação, a aula. Este é núcleo do estudo a ser feito.

Para melhor compreensão deste processo de avaliação, vejamos então a estrutura e a dinâmica desta Escola onde a aula é tão especial.

A Escola se divide em duas unidades interligadas, funcionando em prédios próprios e com algumas características particulares.

A Casa I reúne as crianças das séries 0 a 2, no Nível I. São grupos de 14 alunos entre 5 e 8 anos, reunidos sem distinção de sexo, classe sócio-econômica, nacionalidade ou capacitação, sob a responsabilidade de um professor, com a ajuda de outros para atividades específicas, tais como esportes e música. É o que podemos considerar a pré-escola, onde os alunos podem ou não chegar a ler e escrever. Isto não vai constituir impedimento para o ingresso na Casa II.

A Casa II se subdivide da seguinte forma:

Nível II - séries 3 e 4

Nível III - séries 5 até 7

Nível IV - séries 8 até 10 (p. 16 - *Impuls* 15)

Focalizamos a nossa atenção nos Níveis II e III, embora a premissa básica da avaliação sem conceitos, notas ou qualquer escala esteja presente em todos os Níveis.

Para cada turma há um professor responsável, que em geral acompanha a turma em algumas das séries seguintes.

Os grupos são agora de 20 alunos e reúnem meninos e meninas da mesma idade. No Nível II há 2 a 4 professores no máximo por grupo, enquanto no Nível III existe um maior número de professores já que acontecem aí as primeiras separações devidas aos Cursos Eletivos e aos Clubes de Interesses. No Nível II é introduzido o primeiro Curso Específico, o de inglês.

Um dia na Laborschule é sempre algo inédito (*Lenzen, 1982, p. 23; Lenzen, 1986*). Isto por-

que não há um plano de aula específico e detalhado, do qual não se possa fugir. O trabalho é realizado segundo um planejamento geral, com distribuição da carga horária entre as áreas curriculares, mas há sempre a possibilidade de mudança, e estas realmente acontecem com frequência.

Apenas as aulas específicas dos Cursos Eletivos, Clubes de Interesse ou Cursos Específicos têm horários fixos na grade semanal, já que são aulas dadas por outros professores. As atividades sob coordenação do professor responsável acontecem de forma bastante flexível.

Existem algumas situações em que o aluno recebe um boletim semelhante aos de outras escolas? Esta é uma pergunta freqüente e de grande interesse, que pode ser assim respondida:

Somente em 4 situações específicas permanecem os tradicionais boletins na Laborschule:

- 1 - Em caso de transferência para outra escola.
- 2 - No final do 1º semestre do último ano escolar (10ª série) ou no final da 9ª série, quando solicitado.
- 3 - Na conclusão da 10ª série.
- 4 - Abandono da escola depois da 9ª série ou da 10ª série sem conclusão do curso. (Groeben, 1988, p. 70)

Estes boletins têm um reduzido papel no dia-a-dia da Escola. O que realmente acontece em termos de avaliação na Laborschule é a observação contínua, a orientação constante ao aluno, e duas vezes ao ano, isto é, ao término de cada semestre, um Relatório ou Descrição do processo de aprendizagem é recebido pelo aluno. São também chamados de "informações sobre o processo de aprendizagem" e procuram mostrar a biografia escolar de um aluno, seu comportamento social, sua aprendizagem e seu trabalho, junto a uma descrição geral das aulas de sua turma.

Por isso mesmo é que este Relatório se divide em 2 partes:

- 1 - Descrição das aulas
- 2 - Descrição da aprendizagem do aluno

Os Relatórios são importantes também para os professores que os escrevem, pois estão sempre pensando sobre cada aluno individualmente, além de que dispõem de um excelente material de acompanhamento da vida escolar deste aluno.

São também importantes para os alunos e pais, já que não recebem listas de notas abstratas, sem conseqüências quanto à participação. Os Relatórios devem levar a uma participação nas diferenças e nos talentos, nas capacidades específicas e nos problemas pessoais, tais como os professores e educadores observam, de modo que pais e seus filhos, a partir destes, possam ter um aconselhamento.

Os relatórios devem tornar possível aos pais e alunos compreender o que está acontecendo, por isso devem ser numa linguagem direta. Além da descrição dos objetivos e procedimentos utilizados em aula, o professor escreve numa linguagem pessoal ao aluno, como se fosse numa carta informal utilizando inclusive o tratamento "Du", o que não é freqüente em escolas alemãs. Estes relatórios são semestrais e mostram a posição individual de cada aluno, seus progressos e suas dificuldades, seus esforços e suas necessidades, suas preferências e aversões.

Além das notas terem sido abolidas (Lenzen, 1982, p. 102), a reprovação também foi, seguindo pois o aluno com seu grupo de colegas desde a terceira série, quando há um reagrupamento para que os alunos fiquem em grupo da mesma faixa etária, até a décima série. Isto não significa apenas uma promoção automática ou uma seriação garantida, mas um atendimento individualizado que permite ao aluno se desenvolver sem ficar retido numa série.

As tradicionais notas não ajudam quando se pretende compreender o desenvolvimento do aluno e proporcionar-lhe condições para prosseguir se desenvolvendo. As pesquisas realizadas sobre a Laborschule continuamente mostram resultados que levam à continuidade deste sistema de avaliação.

Para o funcionamento deste sistema de avaliação alguns fatores são necessários tais como:

1 - A formação do professor é o primeiro ponto. A compreensão que o professor tem do desenvolvimento do aluno e da importância desta avaliação sem notas, mas com acompanhamento contínuo, é imprescindível.

2 - O currículo obedece a uma estruturação especial, onde muitas áreas de conhecimento são expressas em disciplinas escolhidas pelos alunos (Wahlkurs). Isto facilita a adaptação, pois o aluno está fazendo algo de seu interesse e adequado à sua capacidade também.

3 - A interação com a família é um dos aspectos fundamentais para o bom funcionamento do projeto. Os pais são chamados à escola freqüentemente, além da reunião mensal onde é possível a troca de idéias.

O principal objetivo deste Relatório é tornar-se um instrumento pedagógico para os alunos, professores e pais e por isso não tem a função de selecionar, promover ou reter o aluno em turmas.

O objetivo não é tanto exercer um julgamento, mas esclarecer, ajudar, avisar e estimular. Repetimos que, por isso, não há o objetivo de fazer o aluno repetir a série ou promove-lo para a próxima série. O fato da promoção para a série seguinte estar garantida não tira a responsabilidade nem da criança nem do professor. Ambos estão engajados numa tarefa conjunta, visando uma caminhada que aconteça da melhor maneira possível, em função de objetivos de desenvolvimento amplos. Muito mais do que uma cobrança relativa a elementos exteriores, o que se entende por avaliação é um cada vez mais profundo e completo conhecimento de si próprio e de sua relação com o mundo.

Aliás é o que desde o início está bem explícito para os alunos, pais e professores na própria organização curricular, onde os conteúdos são agrupados nas seguintes áreas:

- 1 - Relações do Ser Humano com o Ser Humano.
- 2 - Relações do Ser Humano com as Coisas: observáveis, mensuráveis e experimentáveis.
- 3 - Relações do Ser Humano com as Coisas: inventadas, formadas e representadas.
- 4 - Relações com o próprio Corpo.
- 5 - Relações com a Fala, a Escrita e o Pensamento. (*Hentig, 1990, p. 28*)

As fronteiras entre estas áreas não são de modo algum rígidas, muitas vezes seus conteúdos se superpõem, surgindo assim o que se pode chamar de atividades interdisciplinares resultando em mais um argumento para uma forma de avaliação diferente da tradicional.

Na realidade resumem para os alunos e seus pais tudo aquilo que é mostrado com bastante freqüência, apenas com a diferença de que se trata agora de uma organização através da qual pode-se ver honestamente o que está acontecendo. Trata-se de um comentário por escrito, mais amplo, onde o aluno deverá se reconhecer. Ali os progressos são enfatizados, os esforços realizados e as dificuldades ainda remanescentes devidamente apontadas.

De que tratam concretamente estes Relatórios, já que nenhuma escala de notas ou conceitos é apresentada ?

Esta pergunta é fundamental e na sua resposta encontram-se as principais preocupações da Escola de Bielefeld:

- 1 - Os interesses específicos dos alunos
- 2 - Os talentos e capacidades especiais dos alunos
- 3 - Os desempenhos, atividades e produtos da aprendizagem
- 4 - O comportamento no trabalho
- 5 - O comportamento social
- 6 - Outras considerações sobre a pessoa do aluno
- 7 - Recomendações com respeito à continuidade da formação cultural do aluno

Estes Relatórios são da responsabilidade direta do professor-orientador da turma, que chega à redação final com a ajuda dos outros professores e de toda a equipe educacional, através de constantes reuniões.

Quem é o professor-orientador da turma ?

Como já nos referimos anteriormente, é um professor que tem uma carga horária semanal grande com aquela turma, leciona uma ou, freqüentemente, duas disciplinas, orienta alguns projetos. Este professor costuma acompanhar a turma nas duas séries do Nível II e até a primeira ou mesmo a segunda série do Nível III.

Conforme já salientamos, o professor escreve o Relatório direcionado para o próprio aluno, expressando-se numa forma coloquial, tratando-o sempre intimamente, isto é, usando o "Du" e transmitindo confiança nas possibilidades de desenvolvimento deste aluno em particular. Esta é uma característica interessante que nos chama a atenção e que deve ser objeto de uma reflexão, por isso insistimos no detalhe já anteriormente citado. Não se trate da forma em si mesma, da maneira utilizada para se escrever o Relatório, mas do significado que esta forma revela.

Os resultados são bastante animadores, como se pode verificar em pesquisas onde os alunos egressos da Laborschule foram comparados em seu desempenho com os alunos provenientes de escolas regulares. Isto acontece tanto para os que se dirigem de imediato para o mercado de trabalho, como para aqueles estudando nas Universidades.

Experimentar uma nova forma de avaliação não é uma questão de modismo. A avaliação necessariamente reflete o tipo de filosofia vivenciada pela escola e espelhada na prática pedagógica. De nada adiantará se pretender uma forma de avaliação que melhor respeite o desenvolvimento do aluno se toda a dinâmica da escola não for também revista.

Evidentemente que um tipo de avaliação tão original e revolucionário assim não acontece de forma isolada, como algo aplicado de fora para dentro. Este tipo de avaliação surge como necessidade da própria filosofia inspiradora e guia da Escola. Assim, esta avaliação é possível, devido a uma forte integração com a metodologia aplicada e principalmente com os fins da Educação propostos e vividos na Laborschule. A filosofia da Escola é a fundamentação essencial que sustenta esta possibilidade de ruptura com as formas de avaliação tradicionalmente estabelecidas, as quais não vêm trazendo bons resultados, como se sabe.

Procurando viver uma Escola baseada num Humanismo, sem saudosismos, porém voltada para o Homem do terceiro milênio, o Prof. Harmut von Hentig e sua equipe criaram um pensamento e um espaço onde o aluno realmente se desenvolve enquanto indivíduo único, ao mesmo tempo que integrado socialmente.

É através desta concepção do sujeito da Educação que a avaliação da Laborschule se configura. Quando se observa o aluno em desenvolvimento e ainda assim alguém insiste em avaliar simplesmente itens do programa, um imenso vazio se instala. A diferença reside exatamente neste ponto básico do enfoque dado pela Escola. A criança, ou o jovem, é o mais importante, o seu

processo de formação, e não o que ela apresenta como desempenho demonstrando uma aquisição dos conteúdos.

Muito se pode aprender a partir desta experiência, não só em relação aos tipos de avaliação, como em outros aspectos da Educação e da relação Ensino/Aprendizagem. Quando se fala sobre a promoção automática, é preciso que seja entendida como uma conseqüência de uma proposta filosófico-pedagógica e não como um instrumento isolado, aplicado sem a necessária integração. Por isso a nova forma de avaliação para o primeiro grau vivenciada na Laborschule não é uma fórmula pronta a ser conhecida e utilizada, mas apenas um exemplo da possibilidade de se romper com práticas usuais que não estavam funcionando a contento.

ABSTRACT

This article tries to explain how evaluation in a school can be possible with the aim of better developing the students without any grade or concepts given by peers or teachers.

Different systems of evaluation have been largely tested and used. Many of them mainly reinforce the acquisition of some subjects by the child. Some pay attention to the child's development, taking care of his personal changes more than only measuring learning or giving grades according to a desired performance. When we think about evaluation we find different experiments. Here is one of them, what is not supposed to be a pattern, but only a chance of critical analysis related to an educational practice.

It is the project from the Bielefeld University. In 1968 Prof. Hartmut von Hentig and his team began the studies which culminate with the opening of Laborschule in 1974. There are now a great number of publications concerning each of the aspects of the educational practice, including a follow-up study of the students from Laborschule. At the moment we are interested in the evaluation itself. In order to better understand what is this project of evaluation, one needs to know the basic ideas which inspires this school. First of all Laborschule doesn't make experiments with children. The School is a place of experience, where the child acts. It is different from an experiment because in Laborschule it is one idea that really happens, not a trial-and-error situation. The School is structured as following concerning the school years.

Step I - Class 0 till 2 (pre-school)

Step II - Class 3 and 4

Step III - Class 5 till 7

Step IV - Class 8 till 10

Step I - There are 14 children in each group under one teacher's responsibility with help of special professionals as like for sports and music. There are educational professionals who also take care of the children after lunch hour. There is a special building for these three Classes. The groups are mixed by age, sex and social conditions.

Step II - Children are divided in groups by the same age. They are now 20 for each group and they have 2 to 4 teachers. They begin with new subjects, e.g. foreign language (English).

Step III - The groups are divided according to the elective subjects and "interest clubs". They begin the second foreign language (French or Latin).

Step IV - The students choose special subjects and the have to finish their mandatory subjects, elective subjects and off-school practice. The student gets a report with grades according to the common evaluating system only at the last class (10th) in order to permit him to enter in different high school, if he doesn't stay at Laborschule.

This evaluating system sounds strange because any grade or concept is given to the student but at this last school year (10th). This was decided after the observation that the grades do not show how is the student doing at school, not even the subjects are objectively shown. Neither the children themselves, nor their families become aware about the child's development. Instead of the traditional report, there is at Laborschule an evaluating system (also called "informations about the learning process") which show the school life of the student, his social, behaviour, his learning and his work with a description of the lessons.

This new report brings a better participation than a list of subjects and their respective grades. These reports are important for the teachers who write them because they keep the teachers thinking about each student as an individual besides offer an excellent material to follow the school life of this student. These reports are important for the students and their parents. Parents don't receive lists of grades, without consequence concerning to participation.

The reports must bring a participation in all difficulties and gifts, special capacities and personal problems as teachers and educational staff notice them, in order to give the parents and their children a guidance.

Referências Bibliográficas

- FUNKE, J. et al.** *Die Laborschule: Des Landes Nordrhein-Westfalen an der Universität Bielefeld: Ein Überblick.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1980. 53 p. (IMPULS, 2)
- GROEBEN, A. von der et al.** *Strukturplan der Bielefelder Laborschule.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1988. 174 p. (IMPULS, 15)
- GROEBEN, A. von der et al.** *Ein Ziepfel der besseren Welt: Leben und Lernen in der Bielefelder Laborschule.* Bielefeld: NDS, 1991.
- HENTIG, H.** von *Die Bielefelder Laborschule: Aufgaben, Prinzipien, Einrichtungen.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1990. 47 p. (IMPULS, 7)
- HENTIG, H.** von *Was ist eine humane Schule?: Drei Vorträge.* München, Wien: Hauser, 1976.
- KLEINESPEL, K.** *Schule als biographische Erfahrung.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1990.
- LENZEN, K.-D.** *Schulalltag in der Stufe II der Laborschule.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1986. 248 p. (IMPULS, 12)
- LENZEN, K.-D.** et al *Schulalltag in der Eingangsstufe der Laborschule* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1982. 183 p. (IMPULS, 3)
- LÜTGERT, W.** *Die Fragwürdigkeit der Zensurenggebung und die Berichte zum Lernvorgang der Bielefelder Laborschule.* Bielefeld: Universität Bielefeld, 1991.